

## DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E CULTURAIS DOS PATAXÓ DA COROA VERMELHA

Rodrigo de Azeredo Grunewald

Com a emergência dos projetos de urbanização elaborados pela BAHIATURSA e pelo Museu Aberto do Descobrimento (MADE), vários agentes sociais resolveram, a partir de perspectivas específicas, se posicionar sobre a área de ocupação indígena na Coroa Vermelha e sobre o destino da população Pataxó.

Se a indagação "o que fazer da Coroa Vermelha?" pode gerar um debate interminável, certo é que providências concretas serão levadas a efeito antes da virada do século, quando, na região, comemorar-se-á o aniversário dos quinhentos anos do Descobrimento do Brasil.

O que coloco em pauta aqui são características da população indígena da Coroa Vermelha que devem ser respeitadas na remodelação de sua área de ocupação, características essas que parecem ter sido apenas parcialmente consideradas pelos agentes com interesses na questão. Mais especificamente, me debruço sobre três aspectos da vida desses pataxós.

### Reconhecimento da Coroa Vermelha como aldeia indígena

Ao se examinar a história da aldeia da Coroa Vermelha, percebe-se, logo de saída, que a mesma se formou a partir do estabelecimento de índios pataxós oriundos de outras aldeias, em especial de Barra Velha. Face aos projetos para urbanização da Coroa Vermelha, onde índios e brancos dividem um espaço comum, determinados grupos de brancos, interessados na ocupação definitiva da área para fins de empreendimentos imobiliários e comerciais, vêm insinuando que os pataxós locais não são "nativos" da Coroa Vermelha e que, portanto, deveriam ser retirados da faixa litorânea que ocupam para ocupar somente uma área de mata próxima. O que tais agentes sociais parecem não considerar é que nos vinte e quatro anos de ocupação indígena na Coroa Vermelha, sua população vem crescendo a cada ano com o acoplamento de familiares de índios que se mudam definitivamente para tal localidade. Esses pataxós multiplicaram-se na Coroa Vermelha e já há muito se consideram pataxós da Coroa Vermelha; e não mais índios de outras localidades que para lá se deslocam temporariamente.

Nesse sentido, sugiro que, contra uma abordagem que desqualifica os direitos dos pataxós da Coroa Vermelha sobre uma ocupação (mesmo que parcial) da mesma, se afirme o critério de ocupação residencial/profissional contínua por (poucas que sejam) gerações; tipo de ocupação esta que me parece assegurar a esse grupo de índios um reconhecimento diferencial, mas legítimo no que se refere a seus direitos de posse sobre parcela de terra no local. Além do mais, percebê-los dessa forma é não dar margem para que seja levada adiante como tema de negociações a perspectiva da não homogeneidade indígena na área. Os pataxós da Coroa Vermelha guardam as suas especificidades, suas singularidades, e tomar como modelo o ritmo de vida de outros pataxós não parece ser uma postura correta.

De fato, pela história de vida da população indígena da Coroa Vermelha, percebe-se que a mesma se identifica (guarda uma identidade) como pataxós da Coroa Vermelha; e o



reconhecimento dessa localidade como aldeia é normativo dentro do referencial de todos os pataxós de todas as aldeias - e, de fato, a aldeia pataxó da Coroa Vermelha é reconhecida em sua especificidade pelos pataxós das demais aldeias como uma aldeia urbana e comercial, elementos esses que também qualificam sua população indígena.

### **O aspecto comercial que prevalece nas suas atividades econômicas**

Os pataxós da Coroa Vermelha são índios comerciantes. A própria fundação da aldeia foi levada a efeito, com incentivo de brancos (da Marinha inclusive), para que um turismo emergente fosse atendido no seu interesse por souvenir. Além disso, a aldeia comercial foi projetada para servir de atrativo (chamariz mesmo) a turistas, o que quer dizer que os pataxós que foram, paulatinamente, fixando residência na Coroa Vermelha, o fizeram a fim de se dedicar quase que única e exclusivamente ao comércio, forma essencial de sua atividade econômica.

Hoje, além do artesanato vendido a turistas, alguns pataxós se engajaram também na prestação de serviços a atividades comerciais mais extensivas (como garçons, balconistas, etc), o que os une em termos econômicos, necessariamente, aos comerciantes e/ou comerciários brancos presentes na área. Isso quer dizer que esses pataxós não podem ser isolados (ou afastados em termos especiais) dessa sua atividade, a qual, para ser (re)direcionada em casos de planejamentos que envolvam, por exemplo, o atendimento a turistas ou mesmo restrições orientadas numericamente por alguma questão do tipo estética, deve levar em consideração, não apenas toda uma história de ocupação, como também sua situação histórica atual; seu ritmo de vida dadas as interações sociais nas quais se inserem e nas quais constroem sua cultura atualmente. No final, deve-se levar em conta também a situação dos índios de outras aldeias que se sustentam na comunicação com a Coroa Vermelha, atentando-se, portanto, para um panorama mais amplo (não limitado a idéias do tipo: modo de produção pataxó, etc) que deve se mostrar aberto para informações translocais que fluem na Coroa Vermelha.

Essa característica de interação dos pataxós da Coroa Vermelha com os brancos não pode servir de argumento para um pretenso fechamento da aldeia, alegação - de que os pataxós da Coroa Vermelha não são mais índios dadas as suas atividades comerciais e casamentos interétnicos e que por isso não prescindem mais de uma área reservada para eles - sustentada por inúmeros empresários e comerciantes locais. Tal característica deve sim servir de base para uma contemplação/conservação da cultura comercial pataxó em seu meio social estabelecido.

### **A variação sazonal na demografia da Coroa Vermelha**

A demografia dos pataxós da Coroa Vermelha varia imensamente entre a alta e a baixa estações turísticas. Se na baixa estação encontramos na Coroa Vermelha quase que exclusivamente os pataxós que lá residem fixamente (e quando esses não saem em visita a familiares em outras aldeias), na alta assistimos a uma duplicatura populacional - fenômeno não exclusivo à população indígena, pois muitas pessoas de diversos segmentos comerciais da sociedade branca também fluem para Coroa Vermelha à época do veraneio.

2017 - Adriano  
ISA

Tal variação sazonal, a meu ver, deve sobressair como algo positivo, uma vez inerente à dinâmica da cultura - com todos os relacionamentos sociais que a movimentam num processo - em evidência, e, portanto, incorporada como variável benéfica aos índios também em termos quantitativos; ou seja, não deve servir de argumento para uma minimização de um futuro território indígena durante os prováveis ( e para um futuro bem próximo) entendimentos com empresários, comerciantes, etc. Além disso, parece-me que os pataxós guardam forte poder de barganha sobre tais negociações, uma vez já instalados e diante de momento político internacional bastante favorável.

Por fim, acredito ser urgente a implementação de subsídios dinâmicos que promovam, paulatinamente, uma auto-sustentabilidade Pataxó na Coroa Vermelha; ou seja, uma demarcação definitiva - acompanhada de aplicação concreta de recursos sob orientação compartilhada com os índios - que estabeleça a área indígena parece-me ser um dos primeiros passos para planejamentos (urbanísticos, por exemplo) mais extensivos, bem como para se determinar, por fim, limites tanto para brancos como para os índios que, cientes de seu território (não expansível, a princípio), teriam que geri-lo de forma consciente a fim de não detoná-lo.